ARQUIDIOCESE DE FORTALEZA

Manhã de oração pela santificação do Clero

27 de junho de 2025

Igreja de Nossa Senhora da Conceição do Outeiro da Prainha

*“Tendo amado os seus que estavam no mundo amou-os até o fim”* (Jo 13,1).

A Cruz é o lugar do sacrifício de Jesus Cristo pelos seres humanos e, ao mesmo tempo, o lugar da sua glorificação. A cruz é, portanto, o lugar da manifestação extremada do amor de Deus, *“um mistério de amor justo da parte de Cristo para com seu Pai celeste, a quem o sacrifício da cruz, oferecido com coração amante e obediente, apresenta uma satisfação superabundante e infinita pelos pecados do gênero humano”*[[1]](#footnote-0). Um coração amante e obediente, assim foi qualificado o Coração de Jesus, que ao se ofertar salvou a todos os que vieram antes dele, os que lhe eram contemporâneos e alcança-nos nesse exato momento.

A imagem do coração sempre despertou grandes reflexões e poesias, para falar de amor verdadeiro, de doação incondicional, da dor da alma quando algo a atinge. É irrecusável que o coração é um órgão importantíssimo pois sem as suas batidas não há vida, ele é o órgão de onde o sangue é impulsionado para todo o nosso corpo. Ao mesmo tempo, o coração é a sede de nossos sentimentos e emoções.

Na Palavra de Deus quando se fala de coração está-se falando do centro mais profundo do ser humano, do lugar da interioridade da existência da pessoa, da casa onde habitam os sentimentos mais íntimos. É do coração que brotam as emoções, os sentimentos e a oração mais sincera e coerente de cada pessoa. Papa Francisco expressou isso de modo muito belo ao afirmar que “*nada que vale a pena pode ser construído sem o coração. As aparências só trazem vazio*”[[2]](#footnote-1).

Ao pensar no Ano Jubilar de 2025, o Santo Padre Francisco teve a imagem do coração como fonte de inspiração para falar do Amor de Deus em meio a tantas guerras, num mundo dilacerado por discórdias:

No coração de cada pessoa, encerra-se a esperança como desejo e expetativa do bem, apesar de não saber o que trará consigo o amanhã. Porém, esta imprevisibilidade do futuro faz surgir sentimentos por vezes contrapostos: desde a confiança ao medo, da serenidade ao desânimo, da certeza à dúvida. Muitas vezes encontramos pessoas desanimadas que olham, com ceticismo e pessimismo, para o futuro como se nada lhes pudesse proporcionar felicidade[[3]](#footnote-2).

No meio de nossas inúmeras atividades diárias, caros irmãos, em meio aos inúmeros atendimentos que realizamos todos os dias, talvez sejamos tentados a pensar que nós somos os protagonistas ou os que tomamos as iniciativas, mas é bom lembramos que *“nisto consiste o amor: não fomos nós que amamos a Deus, mas foi Ele que nos amou e nos enviou-nos o seu Filho como vítima de expiação pelos nossos pecados”* (1Jo 4,10). Lembrar que fomos escolhidos, que ele nos alcançou por primeiro, para não acharmos que Ele é devedor do nosso amor, quando o contrário é o verdadeiro: nós lhe somos devedores de um amor tão alto que foi capaz de mostrar seu Divino Coração aberto por nós. O Papa Leão XIV, em seu discurso aos sacerdotes, no último dia 26 de junho, afirmava:

As palavras de Jesus ‘Eu os chamei amigos’ (*Jo* 15,15) não são apenas uma declaração afetuosa para com os discípulos, mas uma verdadeira e própria chave de compreensão do ministério sacerdotal. O sacerdote, de fato, é um amigo do Senhor, chamado a viver com Ele uma relação pessoal e confidente, nutrida pela Palavra, pela celebração dos Sacramentos, pela oração quotidiana. Esta amizade com Cristo é o fundamento espiritual do ministério ordenado, o sentido do nosso celibato e a energia do serviço eclesial ao qual dedicamos a vida. A oração nos sustenta nos momentos de prova e nos permite renovar a cada dia o “sim” pronunciado no início da vocação.

Na celebração desse Ano Jubilar 2025 e nessa Jornada de oração pela santificação dos sacerdotes pensamos no Coração de Jesus Cristo, e ouvimos novamente dos lábios de um sacerdote apaixonado pelo Senhor: *“O sacerdócio é o amor do Coração de Jesus”* (Cura D’Ars). Vejamos o que podemos tirar deste tema[[4]](#footnote-3).

Caríssimos irmãos de presbitério, o Senhor Jesus Cristo convida-nos, continuamente, a fazer e renovar a nossa experiência pessoal com seu Divino e Misericordioso Coração: *“Tomai sobre vós o meu jugo e aprendei de mim, porque sou manso e humilde de coração, e encontrareis descanso para vossas almas, pois meu jugo é suave e o meu fardo é leve”* (Mt 11,29). Porém, é preciso que nós nos convençamos desse convite de Jesus e deixarmo-nos ser acolhidos na intimidade do seu Coração, procurando entrar na intimidade de Cristo, e sermos continuamente alcançados por Ele. Como afirmou o Papa Bento XVI: *“O homem não é perfeito em si mesmo, o homem necessita da relação, é um ser em relação (...). Há necessidade da escuta, de escuta do outro, sobretudo do Outro com ‘o’ maiúsculo, de Deus. Somente assim ele pode conhecer a si próprio, somente então torna-se ‘si’ mesmo”*.

Nosso sacerdócio ministerial é obra maravilhosa do Coração de Jesus. Ele mesmo instituiu nosso sacerdócio durante o grande evento salvífico da sua Páscoa, durante a Última Ceia. Por isso, pensar sobre o Coração de Jesus é pensar, também, na grandeza e na altura do sacerdócio ministerial, aquele que alguns homens recebem para ser vivido em favor do povo de Deus (Hb 5,1-2). Nosso ministério sacerdotal se reveste de uma dignidade tão profunda e tão grandiosa, que não se pode ter uma dimensão precisa dele.

S. João Maria Vianney dizia sobre isto que *“se compreendêssemos bem o que um padre é sobre a terra, morreríamos: não de susto, mas de amor. (…) Sem o padre, a morte e a paixão de Nosso Senhor não teriam servido para nada. É o padre que continua a obra da Redenção sobre a terra (…). Que aproveitaria termos uma casa cheia de ouro, senão houvesse ninguém para nos abrir a porta? O padre possui a chave dos tesouros celestes: é ele que abre a porta; é o ecônomo do bom Deus; o administrador dos seus bens (…) Deixai uma paróquia durante vinte anos sem padre, e lá adorar-se-ão as bestas. (…) O padre não é padre para si mesmo, é-o para vós”*.

Urge dizer que Jesus mesmo é quem garante a força do sacerdócio ministerial, é ele quem dignifica o presbítero para que este exerça a missão e não o presbítero que dignifica o ministério por suas forças e pessoa. Por isso o Papa Bento XVI afirmava na sua Carta para o Ano Sacerdotal: *“A primeira coisa que devemos aprender é a sua total identificação com o próprio ministério. Em Jesus, tendem a coincidir Pessoa e Missão (...)”*.

Queridos irmãos, o amor de Jesus, portanto, foi um amor de entrega total. Se, por Amor Jesus enfrentou a cruz e deu sua vida pela nossa salvação, e esse mistério é atualizado por nós todos os dias sobre os Altares do mundo inteiro, por isso mesmo não podemos nós recusar a nossa cruz, fugir do caminho do Calvário, mas enfrentá-lo como Jesus (Lc 22,42). Por isso, como seus ministros, apresentemos a Ele, todos os dias nossos corações, peçamos a Ele que tenhamos a coragem de unir nossos corações ao dele.

Coloquemos nossa vida, nossas dores, nossas preocupações, nossos projetos, nos braços abertos de Jesus na Cruz, de onde ele faz ver, do seu lado aberto, o Sagrado Coração. Pois, ele nos dá uma certeza de *“que só algo de infinito”* nos *“pode bastar, algo que será sempre mais do que aquilo que alguma vez se possa alcançar”*[[5]](#footnote-4) por forças humanas apenas: a vitória da Ressurreição. Contemplando o Coração de Jesus ferido e chagado, pensemos na sua dor de amor por nós.

Outro sacerdote francês, Pe. Henri Caffarel, escreveu que *“aquele que não mortifica constantemente um egoísmo sempre renascente, que não acolhe os sofrimentos, pequenos ou grandes, como sendo meios de purificação, não oferecerá jamais o espetáculo de um amor radiante, de uma religião sedutora”*[[6]](#footnote-5). Amados irmãos presbíteros, precisamos sim, cuidar bem dos nossos corações, para que possam se assemelhar ao coração do Senhor. No dia em que celebramos, na Solenidade do Sacratíssimo Coração de Jesus, tenhamos a certeza, de que “*é desta ‘sarça ardente’ que tem origem a nossa vocação; é desta fonte de graça que queremos deixarmos transformar*”[[7]](#footnote-6).

Buscando configurar nosso coração ao dEle, poderíamos nos perguntar: Como contemplamos o Coração de Jesus trespassado na cruz, que os Evangelhos apresentam como experiência fundamental para nossa fé, nascida do seu lado aberto, do seu Coração Sagrado? Essa pergunta sobre como contemplamos o Coração de Jesus é essencial, também, para o exercício do nosso ministério, pois deveríamos ser o “*amor do Coração de Jesus*”. Cito três olhares para a Cruz do Senhor e seu Sagrado Coração.

Primeiro, podemos olhar para Jesus na cruz como os transeuntes que passavam por perto do lugar da crucifixão e apenas sentiam a curiosidade de saber o que tinha acontecido, como, por quê; este primeiro olhar é um olhar de um curioso que não se deixa envolver pelo acontecimento, de quem não se deixa penetrar pelo mistério ali ocorrido. Nos corações desses transeuntes o mistério não foi percebido e estes não se deixaram banhar pelo Sangue e pela água que jorraram desse Coração.[[8]](#footnote-7)

Na Igreja, mesmo sendo ministros ordenados, inclusive, infelizmente podemos assumir a posição daqueles que apenas olham com curiosidade para o Mistério de Cristo. Mas, como pode ser dar uma tal situação de indiferença para com o Coração de Cristo se estamos configurados a Ele pelo Batismo e pela Ordem? É simples. Podemos ficar à parte, sem nos envolvermos com a vida e as ocasiões que a Igreja nos oferece para nos encontrarmos com Jesus. Pode ser que prefiramos ficar à parte, insensíveis e indiferentes aos acontecimentos eclesiais e das pessoas ao nosso redor, ou mesmo insensíveis aos sofrimentos de irmãos no ministério ordenado.

Assim, um padre insensível aos apelos de Deus na vida de seu povo e na Igreja não age com o coração e não é sinal do coração de Cristo. Recordava o Papa Leão XIV que “*hoje, em particular, num contexto social e cultural marcado pelo conflito e pelo narcisismo, temos necessidade de aprender a amar, e a fazê-lo como Jesus*”[[9]](#footnote-8).

Em segundo lugar, podemos olhar para Jesus na cruz como os soldados romanos, com um olhar legalista diante das leis vigentes.[[10]](#footnote-9) Uma vez que não poderiam tirá-lo da cruz noutro momento, senão o que se oferecia imediatamente após a crucifixão, queriam quebrar-lhe as pernas – apressar a sua morte. Também podemos olhar Jesus com o olhar dos soldados que ficaram na mais simples materialidade do fato, e foram também eles, indiferentes e frios.

Na Igreja, inclusive como pastores, infelizmente podemos assumir a posição daqueles soldados romanos, não procurando perceber nas ações da Igreja, as verdadeiras ações de Deus. Podemos pensar que a força que move a Igreja é uma força puramente humana, e que tudo acaba quando os homens desferem contra ela qualquer lança. Talvez, em várias ocasiões, somos tentados a não acreditar na força do Espírito Santo agindo em meio ao caos. Podemos assumir o papel daqueles que não se envolvem, mas podemos assumir, de outra forma, o papel daqueles que não cooperam e apenas veem a Igreja a partir de seu âmbito material e esquecem do elemento espiritual.

O Papa Leão recorda que a mística do Coração de Jesus “*nos pede para custodiar juntos a mística e o empenho social, a contemplação e a ação, o silêncio e o anúncio. O nosso tempo nos provoca: muitos parecem terem se afastado da fé, mas no íntimo de muitas pessoas, especialmente dos jovens, há sede de infinito e de salvação. Tantos experimentam como uma ausência de Deus, mas todo ser humano foi feito para Ele, e o desígnio do Pai é fazer de Cristo o coração do mundo*”[[11]](#footnote-10).

Infelizmente, chegamos a falar mal da Igreja, e falando mal dela, acabamos atingindo o coração de Deus, uma vez que a Igreja é obra de Deus, é movida pela força transformadora do Espírito Santo. S. João Maria Vianney chegou a dizer que *“se alguém quer falar mal da Igreja começa falando contra os padres”*. Por isso, irmãos, não demos motivos para as pessoas falem mal da nossa Mãe, a Igreja. Amemo-la de todo coração, a partir de nossas ações.

Porém, podemos ter um olhar bem diferente desses dois primeiros! É o olhar do discípulo amado e o olhar de Maria, que estavam juntos aos pés da cruz. Aquele vê sair do peito aberto de Jesus “sangue e água” – onde se misturam o sentido redentor e fecundo da morte de Jesus. Foi a vida que brotou do lado aberto de Jesus na cruz, quando dele saiu Sangue (Gl 2,20); foi o Espírito que jorrou do seu peito, quando dele saiu água (Jo 7,38) – e com a doação do Espírito nasce a Igreja aos pés da Cruz, por isso a Igreja procura ser, no mundo, sinal da vitória de Cristo sobre a morte.

É a maravilhosa prova do amor de Deus que se dá nesse momento: *“o Coração de Jesus amou até o ponto de ser ferido, aberto”*[[12]](#footnote-11); ao deixar abrir seu lado, Jesus quis nos mostrar o quanto ele nos amava naquele momento. Diz São Boaventura, refletindo sobre esse momento: *“para que, por essa ferida visível, vejamos a ferida invisível do amor”.*

E o Coração de Jesus foi aberto por todos os homens, até aqueles que julgamos mais indignos; foi aberto pelos pobres, que ele acolheu com amor preferencial. Assim deveria ser o nosso coração sacerdotal, aberto a todos, acolhedor de todas as pessoas. Pensar no Coração de Jesus não é algo ultrapassado, outrossim a devoção e o amor ao Coração de Cristo é o caminho mais adequado e coerente para se chegar à compaixão, à prática do amor ágape, em que a gratuidade e a caridade falam mais forte nos corações dos filhos de Deus.

Deixar-se envolver pelo Coração de Cristo, deixar-se queimar na fornalha ardente de amor que é esse Sagrado Coração. Para isso, o Santo Padre nos faz uma exortação viva:

Se cuidardes do vosso coração, com momentos diários de silêncio, meditação e oração, conseguireis aprender a arte do discernimento. Também este é um trabalho importante: aprender a discernir. Quando somos jovens, trazemos dentro de nós muitos desejos, tantos sonhos e ambições. O coração está muitas vezes cheio e podemos sentir-nos confusos. No entanto, seguindo o modelo da Virgem Maria, a nossa interioridade deve tornar-se capaz de preservar e meditar[[13]](#footnote-12).

Assim, caríssimos irmãos no ministério ordenado, *“o Coração traspassado de Cristo é a fogueira de onde o amor divino se derrama como um fogo no universo inteiro”*.[[14]](#footnote-13) Contemplar o Coração de Cristo não pode ser para nós, ministros sagrados, apenas um olhar curioso, um olhar legalista, mas um olhar que se abre para o Amor. Antes de peregrinarmos rumo à nossa Igreja Catedral, concluímos com um trecho de uma poesia de Sta. Teresinha do Menino Jesus, que pode nos ajudar a compreender que o Amor é livre e gratuito:

Viver de Amor é dar-se sem medidas,

sem reclamar salário sobre esta terra.

Ah! Sem contar, eu dou bem convencida

que quando se ama, não se sabe calcular!

Ao Coração Divino, transbordante de ternura,

eu tudo dei, corro ligeira,

nada mais tenho que essa única riqueza:

Viver de Amor.

*Pe. Rafhael Silva Maciel*

*Pároco de Nossa Senhora Aparecida*

*Missionário da Misericórdia*

1. Pio XII, *Haurietes Aquas*, 20. [↑](#footnote-ref-0)
2. Francisco, *Dilexit nos*, 6. [↑](#footnote-ref-1)
3. Idem, *Spes non confundit*, 1. [↑](#footnote-ref-2)
4. Nosso texto segue as reflexões do *Catecismo da Igreja Católica*, 368, 2563, 2710; *“O Coração de Jesus e a Eucaristia”* de D. Murilo S. R. Krieger, In: 15º Congresso Eucarístico Nacional, Subsídio Teológico 1, pp. 7-15; Pe. Daniel Dideberg, *Contemplar o Coração de Cristo*, Loyola. Encíclicas *Dilexit nos* do Papa Francisco e *Spes salvi*, do Papa Bento XVI; alguns Discursos do Papa Leão XIV. [↑](#footnote-ref-3)
5. Bento XVI, *Spe Salvi*, 30. [↑](#footnote-ref-4)
6. Textos escolhidos do Pe. Caffarel, p.40. [↑](#footnote-ref-5)
7. Leão XIV, Discurso, 26 de junho 2025. [↑](#footnote-ref-6)
8. CIC, 643, 1610, 1614, 1859, 2840, 2544-47. [↑](#footnote-ref-7)
9. Discurso, 24 de junho de 2025. [↑](#footnote-ref-8)
10. CIC, 89,1407. [↑](#footnote-ref-9)
11. Discurso, 26 de junho 2025. [↑](#footnote-ref-10)
12. DIDEBERG, Daniel, *Contemplar o Coração de Cristo*, 68. [↑](#footnote-ref-11)
13. Leão XIV, Discurso 24 de junho 2025. [↑](#footnote-ref-12)
14. Idem, 70. [↑](#footnote-ref-13)